

# Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2020



# Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Karine de Lima

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L755	<p>Linguagens e princípios teóricos-metodológicos das ciências da comunicação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-114-5            DOI 10.22533/at.ed.145201606</p> <p>1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Comunicação – Metodologia. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.4833</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

As mudanças pelas quais os Estados-nação, as sociedades, os sujeitos e organizações têm passado em termos econômicos, culturais, políticos, econômicos, tecnológicos, sociais, identitários e idiossincráticos projetam luzes sobre os horizontes, desafios, possibilidades e perspectivas para o campo dos estudos da comunicação na contemporaneidade.

Nesse sentido, a obra intitulada “Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2” debate o(s) lugar(es) do campo, da ciência e das profissões da comunicação em um mundo hiperconectado e permeado pela cultura de consumo, pelo império do efêmero e pelos imperativos das redes e mídias sociais da Internet que encorpam emergentes modos de interação, diálogo, negócios, entretanto, também, de conflitualidades, discursos de raiva, desrespeito, cancelamento e vigilância.

Entendemos, nesta obra, que a comunicação tem como horizonte: 1. A coabitação de visões e percepções, muitas vezes, conflitantes; 2. A convivência e a coabitação. Estes fatores representam um grande problema, mas podem oferecer uma prodigiosa solução quando tratamos do cenário interativo-informacional do ecossistema comunicativo, posto que porta uma vocação democrática, ampliando os espaços de fala e expressão dos sujeitos.

As linguagens e princípios teórico-metodológicos das ciências da comunicação revelam a intrínseca relação entre comunicação e democracia. Nesse universo, as redes da Internet tornam-se o epicentro da profusão e legitimação da participação, colaboração e interação entre sujeitos, organizações e Estados. Em um mundo aberto no qual cada sujeito quer ter o direito e a liberdade de manifestar opiniões a respeito de tudo – e de todos –, o ecossistema digital é um habitat propício para tensionar organizações e poderes instituídos acerca de suas práticas, posicionamentos e políticas.

O poder, antes concentrado nas mãos dos grandes conglomerados de comunicação e vincado no modelo “de um – para muitos”, no contexto da comunicação virtual possibilitou uma maior participação social, legitimando o modelo de comunicação “de muitos – para muitos”, o qual é síncrono e independente das distâncias geográficas, afetando rigorosamente as diretrizes de construção de significado e a produção de relações de poder.

Com os meios de comunicação de massa tínhamos os sujeitos tecnologicamente alijados da participação ativa no processo comunicativo, relegados à condição de excluídos do processo de construção da mensagem que chegava; hoje, os fluxos de informação, produção e disseminação são pluridimensionais. Destarte, a comunicação inclui ligações preferenciais e a preferência pelas diversidades,

conectando sujeitos a organizações, populações a instituições governamentais, ativistas a movimentos sociais e cidadãos a cidadãos. Esse mundo informativo nos convida a analisar e aplicar as metodologias, epistemologias, teorias e linguagens que emergem da consolidação da comunicação e das novas socialidades propiciadas pela cultura de conexão, convergência e participação no contexto da sociedade contemporânea.

Sob essas premissas, este e-book reúne artigos de pesquisadores de todo o Brasil que vem se dedicando a investigar a comunicação por meio de variadas facetas, levando em conta sua natureza essencialmente dialógica, humana, participativa, caleidoscópica e complexa.

Marcelo Pereira da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CIBERTEOLOGIA: COMUNICAÇÃO E FÉ NO ECOSISTEMA VIRTUAL	
Rodolpho Raphael de Oliveira Santos Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016061	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
METODOLOGIA Z UMA PROPOSTA PARA A ENGENHARIA DE SISTEMAS DIGITAIS PARA GESTÃO DA INFORMAÇÃO	
Paulo Sérgio Araújo Luis Manuel Borges Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.1452016062	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>42</b>
AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (LE)	
Elizabeth Regina Makiko Moriya Uemura Edson José Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016063	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>53</b>
A OPINIÃO PÚBLICA AINDA NÃO EXISTE? PENSANDO AS PESQUISAS DE OPINIÃO PÚBLICA NA ERA DO BIG DATA SEGUNDO AS CRÍTICAS DE BOURDIEU EM <i>A OPINIÃO PÚBLICA NÃO EXISTE</i>	
Pedro Neris Luiz Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.1452016064	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>65</b>
AS PESQUISAS DOS ANTROPÓLOGOS SARAH BOHANNAN E CLIFFORD GEERTZ E DO TEÓRICO CULTURAL STUART HALL PARA PENSAR O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.1452016065	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>78</b>
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR FRENTE ÀS COMPRAS EM SUPER E MINIMERCADOS NA CIDADE DE PATOS-PB	
Francisca Érika Nobrega da Silva Mariana Tomaz Silva Patrícia Lacerda de Carvalho Tatyanna Nadabia de Souza Lima Paes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016066	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>92</b>
PUBLICIDADE, CONSUMO E NOVAS TECNOLOGIAS: UM ESTUDO DOS NOVOS COMPORTAMENTOS DO CONSUMIDOR NA SOCIEDADE EM REDE	
Danilo de Souza Moura José Maurício Conrado Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016067	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>104</b>
DO VINIL AO STREAMING: FORMATOS DE DIFUSÃO E ARMAZENAMENTO DE MÚSICAS E	

SUAS RELAÇÕES COM A EXPERIÊNCIA DO OUVINTE

[Carlos Phillipe Kelency](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1452016068**

**CAPÍTULO 9 ..... 114**

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO. Espaço Simbólico e de Pertencimento Quilombola, Rio Andirá, Fronteira Amazonas/Pará

[João Marinho da Rocha](#)

[Marilene Corrêa da Silva Freitas](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1452016069**

**CAPÍTULO 10 ..... 124**

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CONTRA AS DE MATRIZ AFRICANA NA MÍDIA HEGEMÔNICA: ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS “O GLOBO” E “O ESTADO DE S. PAULO”

[Roberto Marcello](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160610**

**CAPÍTULO 11 ..... 137**

A MULHER NEGRA COMO APRESENTADORA DE TELEVISÃO

[Ana Carolina Huertas Antonio](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160611**

**CAPÍTULO 12 ..... 149**

NINJA ES: COLABORAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NA TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL DURANTE AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS CAPIXABAS

[Ana Paula Miranda Costa Bergami](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160612**

**CAPÍTULO 13 ..... 162**

A QUESTÃO DA INDEPENDÊNCIA DA CATALUNHA:  
UM BALANÇO DO IMPACTO MUDIÁTICO DO SEPARATISMO ESPANHOL

[Rodolfo Silva Marques](#)

[Bruno Da Silva Conceição](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160613**

**CAPÍTULO 14 ..... 176**

UMA MANCHETE EM REVISTA: destacabilidade e aforização

[Luís Rodolfo Cabral](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160614**

**CAPÍTULO 15 ..... 188**

EVENTOS COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO E DE CONSUMO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA – SOCIOCULTURAL E ECONÔMICA DOS BANQUETES AS CASAS DE EVENTOS

[Iêda Litwak de Andrade Cezar](#)

[Joseana Maria Saraiva](#)

[José Alberto de Castro](#)

**DOI 10.22533/at.ed.14520160615**

**SOBRE O ORGANIZADOR ..... 206**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 207**

## FESTA DE SÃO SEBASTIÃO. ESPAÇO SIMBÓLICO E DE PERTENCIMENTO QUILOMBOLA, RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ

Data de aceite: 05/06/2020

### João Marinho da Rocha

Professor da Universidade do Estado do Amazonas

Centro de Estudos Superiores de Parintins- -UEA/ CESP

Doutor em “Sociedade e Cultura na Amazônia”

PPGSCA -UFAM

jmrocha.hist@hotmail.com

### Marilene Corrêa da Silva Freitas

Professora da Universidade Federal do Amazonas

Docente do programa Sociedade e Cultura na Amazônia

PPGSCA -UFAM

marilene.corrêa@uol.com.br

**RESUMO:** Nos últimos quinze anos seis comunidades do Rio Andirá vêm produzindo formas e processos de conhecimentos sobre si para acessar os cenários de direitos, acenados nos dispositivos constitucionais desde a Constituição de 1988. Nesse percurso o movimento social quilombola promoveu inúmeras Ações políticas, dentre as quais sobressaem a decisão de tornar São Sebastião o padroeiro dos quilombolas do Andirá. Santo de

devoção de Maria Tereza, uma das matriarcas do quilombo Santa Tereza do Matupiri. Tal prática sócio cultural e religiosa configura-se como espaço simbólico de pertencimento à Identidade étnico-racial e territorialidades quilombolas naquela fronteira Amazonas/Pará.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Cultura; Tradição; quilombos; Andirá

### QUILOMBOS NO ANDIRÁ

Nos últimos quinze anos seis comunidades do Rio Andirá, vem produzindo uma série de processos e formas de conhecimentos para (re)classificar-se diante do Estado Nacional, abandonando a classificação de *caboclos-ribeirinhos / pretinhos do Matupiri* e constituindo-se enquanto Quilombolas. Em 2013 receberam titulação da Fundação Cultural Palmares - FCP como tais, e atualmente aguardam titulação de suas terras tradicionalmente ocupadas desde o século XIX, segundo constam nas memórias locais.

Ao logo de seus processos de lutas por diferenciação étnico-racial, as comunidades quilombolas do Rio Andirá criaram e acionaram conexões diversas com os mundos do trabalho escravo e o pós-abolição no Amazonas.

Promoveram, a partir desses trabalhos de produção e de sistematizações de tais *memórias do cativo*, práticas socioculturais que intentam ser, dentre outras coisas, (re)atualizações de práticas culturais diversas apontadas para o passado, qualificando-os frente o Estado com “Novos Quilombos” (MATTOS, 2006).

Destacamos nessas práticas socioculturais que, ao fim das contas são Ações Políticas produzidas no âmbito do movimento quilombola no Andirá. Ações que intentam ser e são assim compreendidas pelas lideranças de tal movimento, como espaços simbólicos de pertencimentos, que acabam por fazer parte de seus processos políticos de constituição da nova identidade étnico-racial e territorialidades quilombolas.

Daí por que algumas dessas práticas socioculturais são tidas pelas lideranças e sujeitos comuns das comunidades que as vivenciam em suas culturas festivas, como associados e como sendo as culturas dos antigos, que nesse contexto de início do século XXI, essas comunidades acabam (re)atualizando, portanto produzindo tradições, que nesse caso, não estão no passado, mas constituem-se no e a partir do presente e suas demandas. O passado apenas as qualifica e afirma ancestralidade aos grupos sociais que, passam a ser constituídos como *Novos grupos étnicos*.

Destacam-se nesses processos políticos de constituição das novas identificações étnicas na fronteira Amazonas/Pará, elementos das culturas daquele rio como, as *danças dos antigos*, a exemplo do lundu, onça te pega e gambá, além das (re)abilitarem festas de santos (Divino espírito Santo, Santa Terezinha, e São Sebastião). Danças e festas, às quais os demandantes e agora quilombolas atribuindo-lhes no curso de suas lutas, novos e variados significados. Todos é claro associados às suas intenções e projetos de memória.

Nesse contexto de produção de formas e processos de conhecimentos sobre si para acessar os cenários de direitos, acenados nos dispositivos constitucionais desde a Constituição de 1988, é que o movimento quilombola promove a Ação de tornar São Sebastião o padroeiro dos quilombolas. Santo de devoção de Maria Tereza, uma das matriarcas de Santa Tereza do Matupiri, que segundo as memórias locais

Os primeiros moradores daqui dessa comunidade foi a filha do *Benedito Rodrigues da Costa*. *O negro que veio para semear essa semente que hoje existe aqui*, dentro da comunidade, né. Benedito veio da África solteiro, casou com uma mulher Gerônima indígena e construiu a família, teve 05 filhos com a mulher Gerônima e uma fora do casamento, que foi *Maria Tereza* que fundou essa comunidade que hoje ‘estamos’ atuando aqui dentro dela<sup>1</sup> [*Grifo Nosso*].

Em Santa Tereza, as homenagens a Sebastião, ocorre sem nenhuma presença dos representantes diretos de Roma. Talvez porque São Sebastião se abre aos

---

1 Maria de Amélia dos Santos Castro. Agricultora, 53 anos. Presidente da Federação Quilombola por duas gestões entre os anos de (2012-2016). Entrevista Outubro de 2015. Santa Tereza do Matupiri.

mais diversos diálogos como os batuques e procissões no lago, às esmolações/ pedidos de donativos através das cantorias e danças de marujos que ali se achegam reatualizando relações sociais construídas desde os *troncos velhos* e de pastorinhas. Juntos arrecadam *bichos dos quintais*, produtos das matas e das mercearias.

Insumos que, dentre outras coisas, garantiram elementos para o leilão e alimentos para devotos que, descem das cabeceiras, demais comunidades e mesmo da cidade. Retornam à Antiga ponta, onde Tereza e os seus, como as filhas Terezita e Nercia, já batucavam para Sebastião em seus terreiros, presenciadores das muitas proezas e práticas religiosas híbridas, sob a forma de catolicismo popular. Terreiros onde levantaram seus mastros e construíram suas as antigas ramadas, renomada atualmente como barracão. Neste aliás, aquelas e outras danças dos antigos, vêm apontando no Matupiri, a partir das realidades e intenções atuais, para a nova Identidade Étnico-racial e territorialidades quilombola.

## FESTA DE SÃO SEBASTIÃO. ESPAÇO SIMBÓLICO DE PERTENCIMENTO QUILOMBOLA

São Sebastião, Divino Espírito Santo e Santa Terezinha do Menino Jesus. São essas três festas ligadas ao catolicismo popular<sup>2</sup> realizadas no Distrito de Santa Tereza do Matupiri, polo das demais cinco comunidades e pelo menos quatro núcleos, que a partir de 2013 conseguiram certificação como quilombolas. Tais festas religiosas agregam em suas realizações, inúmeras outras práticas socioculturais. Cada uma com suas especificidades, promovem, os envolvimentos dos grupos sociais que configuram aquela comunidade quilombola. Nisso, materializam as memórias do cativo (re)constituídas ao longo dos seus processos de lutas por diferenciação étnico-racial naquela fronteira Amazonas/Pará.

As duas primeiras são caracterizadas pelas presenças mais fortes de elementos do catolicismo popular na Amazônia, sendo realizadas tão somente com o envolvimento das lideranças locais que tomam para si tanto *a parte social*, como o *lado sagrado* de tais festas, que dentre outras marcas, não chamam atenção dos representantes de Roma, que ali não se fazem presentes. Apenas quando se trata da festa de Santa Terezinha, tornada padroeira das comunidades e para a qual dispensam os representantes de Roma da cidade, atenção e presença não visualizadas nas demais. Principalmente na de São Sebastião, sobre a qual refletiremos aqui, sobre sua utilidade no âmbito do movimento quilombola do Andirá para acessar direitos étnicos e territoriais.

---

2 MAUÉS, Raymundo Herald. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. Norte Ciência, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).

A **primeira** festa a ser realizada na comunidade é de São Sebastião, ela atrai gente de outras comunidades e se realiza no mês de janeiro nos dias 19 e 20. Nesta festa **existem festeiros e mordomos**. Festeiros: responsável pela organização geral da festa tanto social como religiosa; Mordomos: É ajudante do festeiro e responsável pelo levantamento do “mastro” pau tirado na mata que após ser afincado na terra se enfeita com objetos a serem retirados após a derruba, no momento desta derruba cada mordomo tem o direito de dar quantos cortes quiser até o pau cair no chão(SANTOS, 2015) [*Grifos Nossos*].

Santos refere-se à ideia de *a primeira*, pelo fato de ter trabalhado em seu estudo monográfico, as práticas socioculturais de Santa Tereza numa sequência dos meses em que ocorrem. Assim, São Sebastião em janeiro; Divino Espírito Santo em maio, podendo também ser em junho, dependendo do calendário litúrgico de Roma para aquele ano e por fim, a festa da padroeira do distrito de Santa Tereza que é Santa Terezinha do menino Jesus. Ocorrendo em 15 de outubro.

Há ainda em Santos a indicação de processos práticos de estruturação da festa. Uma estrutura que se liga e reatualiza maneiras pretéritas de preparos dessas festas do catolicismo popular na região Amazônica. Algumas delas identificadas pelos estudos antropológicos realizados por Galvão (1976) para a Amazônia paraense. Nesse estudo, que já indica as hibridações culturais existentes nessas festas do catolicismo popular praticado na fictícia Itá, Baixo Rio Amazonas. Apesar de não ser objetivo daquela pesquisa etnográfica, mas ali, são representados os elementos de diversos contatos inter-étnicos que se materializam nas práticas religiosas em homenagem a Santo Antônio e São Benedito, que foi a festa descrita por esse pesquisador.

Sobre os personagens da organização da festa, trazidos por Santos, Galvão (1976, p. 43), portanto os descreve que os *juízes e mordomos*, “escolhidos entre pessoas que aceitam o encargo por devoção ou porque suas posses o permitem”. No caso de Santa Tereza Matupiri os escolhidos para festejar em 2015, forma também aquele que vão buscar os devidos apoios financeiros para a realização dos festejos. Ainda segundo Galvão.

Existem duas categorias de *juízes*: *o juiz do mastro e o juiz da festividade*. Aquele patrocina o primeiro dia da festa, marcado pelo levantamento de um mastro. [...] O juiz da festividade é responsável pelo ‘dia do santo’, o auge das comemorações, a que ocorre muita gente e exige maiores despesas. [...] Aos mordomos, compete custear a realização das ladainhas dos dias intermediários[...] Comumente as funções de juízes e mordomos são partilhados por duas pessoas que dividem as despesas” (GALVÃO, 1976,p.43).

Tanto por essas marcas de organização, mas sobretudo por remeter aos velhos troncos é que Sebastião fora tornado padroeiro dos quilombolas pela Federação, órgão representativo do movimento no Rio Andirá. É uma festa marcada pelos protagonismos das mulheres negras daquela comunidade. São elas quem

estruturam os espaços e sob seus ombros fazem o santo caminhar pelas ruas escurecidas de Santa Tereza.

Maria Amélia, a principal liderança feminina qualifica essa prática religiosa e insere em sua fala elementos que justificam em certa medida a tática política do movimento na utilização e exploração desse antigo espaço da Ponta que até o movimento *estava de baixa*, mas por guardar relações e aparecer como instrumento capaz de reaproximar as sementes demandantes por direitos no XXI, aos troncos velhos do XIX. Abaixo, trecho de seu discurso, produzindo no contexto da festa em homenagem a São Sebastião em 2016.

Olha as festas aqui na comunidade nós temos aqui três festejos, de 03 festas. Dia 20 de janeiro é São Sebastião, que é padroeiro dos quilombolas, nós temos Santa Terezinha que é padroeiro da comunidade do distrito e temos a Santíssima Trindade que compartilha na mesma das outras festas aqui.

Olha os períodos da festa de São Sebastião é agora esse mês de janeiro né, da Santa Terezinha é 14 e 15 de outubro a Santíssima Trindade ela não cai só nu mês tem vez que ela cai no mês de junho tem vês que ela cai no mês de maio.

Olha quem tudo festejou esses santos foi Maria Tereza Albina de Castro foi ela que deixou esse festejo na comunidade então nós estamos dando continuidade.

Com certeza foi promessa porque antigamente as pessoas tinham fé nos santos que os santos faziam milagre até hoje fazem né, mas tem pessoas hoje em dia não usam mais os santos para fazer milagre já usam já o santo sem devoção: - eu vou fazer uma festa, mas não vou fazer no dia, por não vai da gente [...]! Porque, não vou fazer no dia da festa porque meus filhos não podem me ajudar e [...]!

Não, se a gente tem fé e tem aquele santo como nosso padroeiro se cai sábado é sábado se cai segunda é segunda se cai terça é terça mesma a gente festeja naquele dia como nós temos fazendo, temos festejo de amanhã<sup>19</sup> e temos dia 20 segunda-feira o dia do nosso padroeiro, por mais de que dei só nós mais nós vamos festejar o dia do nosso padroeiro.

O que eu acho diferente de antes pra agora porque antigamente o povo de antigamente não tinha salário não tinha nada, faziam festa pra da comida, café pro povo né, hoje em dia é diferente você já não faz mais essa tradição, você já faz leilão bingo pra recada pra Igreja pra fica na paróquia ai então já é diferente, uma diferença muito grande, meu pai dizia o seguinte, que antigamente eles trabalhavam pra dá por povo cume, eles não faziam leilão, eles faziam danças e também se sentiam muito bem<sup>3</sup>.

Esse discurso da liderança do movimento quilombola, dentre outras coisas nos leva afirmar a seguinte questão. A memória e a tradição oral passaram a desempenhar importantes papéis na (re)construção de caminhos que os levassem àquilo que (BRANDÃO, Eti Ali, 2010) chamam de processos de *aprender a ser* e a *dizer-se e ser*. No caso dizer-se negros e, por conseguinte, aprender a ser quilombola. Dando também os dispositivos necessários para a nova identificação

---

3 CASTRO, Maria Amélia dos Santos. Entrevista. Concedida João Marinho da Rocha. Distrito quilombola Santa Tereza do Matupiri, Barreirinha-AM, Janeiro de 2016.

étnico-racial e territorialidades quilombolas no Leste do Amazonas.

As análises dos arquivos de fontes orais mapeadas nas comunidades, as primeiras estratégias das lideranças, foram marcadas pelo levantamento das reminiscências dos velhos, que passaram a ser os guardiões da memória, implicando-lhes novos valores às histórias contadas por seus pais, avós e bisavós.

Tais valores foram logo revestidos com a força da tradição oral<sup>4</sup>. Fenômeno, ao que percebemos nas análises do conjunto das memórias catalogadas, os ligou a um passado da escravidão negra na Amazônia e a uma origem Angolana com passagens pelo estado do Pará, legitimando a luta por titulação de suas *terras tradicionalmente ocupadas*, desde o século XIX, segundo consta nas memórias dos antigos troncos, em documentos paroquiais e oficializada pela Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha.

Essa memória do cativo passou então a servir de base para (re)constituição de modos de ser e viver naquele território, mas especialmente, auxiliou nos processos de (re)organização da vida cultural das comunidades que, passaram a legitimar a feitura de festas populares como o festival de boi-bumbá. Também com a presença de inúmeras danças, a exemplo do Lundum, do gambá e da onça te pega. Além dos cordões de bichos e/ou pássaros como a jaçanã e a garcinha. Passaram também a dar outros sentidos e configurações às festas de seus santos do catolicismo popular, observando rigidamente os devidos equilíbrios entre o tempo dos antigos e o tempo atuais dos reivindicantes por diferenciação étnico-racial como quilombolas.

Tomamos aqui como indicativos daquela observância e equilíbrio, a (re) estruturação da festa de São Sebastião, tornado *padroeiro dos quilombolas*, no processo do movimento social contemporâneo. Celebrado na antiga *capela da ponta*, local onde existiu um dos primeiros núcleos familiares que deu origem à comunidade de Santa Tereza do Matupiri, protagonizados pela matriarca Maria Tereza que ali festejava, a seus modos híbridos, os *seus santos de devoção*<sup>5</sup>.

Espaços e Práticas<sup>6</sup> que foi continuada por seus filhos e filhas, muitos dos quais como Nézia e Terezita, mulheres protagonistas de inúmeras “*proezas*”<sup>7</sup> na

4 Ver VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. IN: ZERBO, Joseph Ki. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Ver também BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. IN: ZERBO, Joseph Ki. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

5 Sobre as várias modalidades de santos e suas apropriações pelo catolicismo popular vem GALVÃO, (1976)

6 As noção e entendimentos acerca do que sejam “Espaços e práticas” utilizadas neste texto, vem dos estudos de Costa, 2012; 2017, que se ocupam dos espaços e práticas de reconhecimento da identidade étnico-racial no Brasil.

7 Expressão corrente no Rio Andirá entre os quilombolas para referir-se aos trabalhos realizados nos terreiros pelos grandes curandeiros ou mestres como são conhecidos os homens e mulheres que exerceram suas manifestações de fé nas fronteiras entre as práticas das religiões de matriz africana, a pajelança indígena e o catolicismo popular nas profundezas da Amazônia. As informações sobre Nersia e Terezita constam na entrevista com Maria Amélia dos Santos Castro, realizada em Agosto de 2017 em Santa Tereza do Matupiri, ocasião em que acompanhamos um pesquisador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA ao quilombo que lhes comunicar da construção de um Museu de Saberes na referida comunidade. Construído em local a ser escolhido em assembleia geral, sendo o ponto mais cotado entre as lideranças da Federação a “antiga ponta”, onde morou Tereza Albina e

ponta de São Sebastião, abandonada continuamente após a década de 1960, mas reordenada no movimento quilombola a partir de 2005 como um dos lugares simbólicos de pertencimentos. Muitos dos quais indicadores de territorialidades múltiplas capazes de promover união de tempos e os espaços, servido como elementos nas lutas políticas das “sementes”<sup>8</sup> que produziram caminhos para acessar os “troncos velhos”<sup>9</sup> e nisso afirmar suas diferenças frente aos demais grupos sociais do Rio Andirá.

Estamos falando de processos sociais e políticos entorno de reclassificação social no Rio Andirá. Como já aludido anteriormente, a partir de um despertar para a suas condições, enquanto “sujeitos de direitos” previsto no artigo 68 da dos Atos e Disposições Transitórias da Constituição Federal, os negros desse rio, passaram **construir ferramentas metodológicas e institucionais**, como é o caso de uma “**Federação**”. Instrumentos capazes de **acionar, registrar e materializar**, “**memórias do cativo**”, remontadas ao final do século XIX e prepará-los para demandar frente o Estado Brasileiro, que os reconheceu como grupo étnico quilombolas em outubro de 2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses fenômenos de constituição de novas identificações étnico-raciais e territorialidades quilombolas que vemos assistindo no Estado do Amazonas, aparecem como que um desafio a ser compreendido, como abordaremos nas sequências desta reflexão. Dizemos isso, pois, se olharmos às realidades e às condições contemporâneas das inúmeras comunidades negras rurais amazônicas, principalmente se o fizermos, a partir de Observações atentas aos seus modos de vidas, práticas e processos socioculturais indicados por suas realidades, como é o caso de festas do catolicismo popular a exemplo de São Sebastião em Santa Tereza do Matupiri.

Para tanto, são necessários olhares descompromissados com ideias fixas emprestadas à ciência que costuma pensar a Amazônia, dizemos fixas por

---

seus filhos. Dentre os quais as já mencionadas mestras Terezita e Nersia.

8 Metáfora largamente utilizada nos discursos das lideranças do movimento quilombola do Andirá. Especialmente por Maria Amélia, sendo percebido também em narrativas como a de João Freitas da comunidade Trindade, para referirem-se à si próprios, enquanto demandantes que buscavam (re)ligar-se historicamente aos passados de tetravós, bisavós, avós e pais, por eles nominados como troncos velhos. Maria Amélia dos Santos Castro, Entrevista Realizada em Agosto de 2016, em Parintins-AM, ocasião em que promoveu conferência “trajetórias do movimento quilombola no Rio Andirá”, para estudantes de História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP, e professores de História da Rede Estadual de Ensino-SEDUC, durante o Evento “Diálogos de Saberes I. Universidade e comunidades quilombolas do Andirá”, promovido pelo Núcleo de Estudos Afro brasileiros CESP/UEA. João Freitas de Castro. Entrevista realizada em Julho de 2016 na comunidade de Trindade, contexto última audiência pública do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA para fechar o relatório de identificação e demarcação do Território quilombola -RTID

9 Idem

serem marcadas por visões *Biologizadas, Geografizadas e Edenizadas*<sup>10</sup> sobre as existências desses grupos sociais. Se assim procedermos, talvez possamos contribuir, por meio da ciência que hora se produz, para a construção de outros olhares, outras histórias para as gentes amazônicas. Ciência e história mais conectada com as questões reais, mais relacionadas com as sociedades e com as culturas Amazônicas.

## REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Rosa & CASTRO, Edna. **Negros do Trombetas** – Guardiões das matas e rios. Ed. Cejup/UF9PA-NAEA, Belém, 1998, 2ª edição.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombolas e novas etnias** / Alfredo Wagner Berno de Almeida. – Manaus: UEA Edições, 2011.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Antropologia dos arquivos da Amazônia*. Rio de Janeiro: Casa 8 / Fundação Universidade do Amazonas, 2008 b.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Mapeamento Social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais: quilombolas do rio Andirá*: Santa Tereza do Matupiri, São Pedro, Trindade, Boa Fé e Itaquara/Barreirinha-Amazonas, 4/coordenação do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida; equipe de pesquisa, Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro... [et al]. – Manuseia, 2014.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. – 2.ª ed, Manaus: PGSCA–Ufam, 2008a.

AMÉLIA, Maria. **Trilhas percorridas por uma militante quilombola: vida, luta e resistência**; Maria Mafra de Andrade Ranciaro, Org; Alfredo Wagner Berno de Almeida, ed.; RJ: casa 8, 2016

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. –São Paulo: Edusc, 2013.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**. *Antropologia e História do processo de formação quilombola-Bauru*, SP:EDUSC,2006.

BÂ, A. Hampaté. *A tradição viva*.IN: ZERBO, Joseph Ki. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

BARTH, Friedrik. *Etnicidade e o conceito de cultura*. **Antropolítica**, n. 19. Niterói:UFF, 2005. P.15-30.

BEZERRA NETO, José Maia. **Por todos os meios legítimos e legais: as lutas contra a escravidão e os limites da abolição (Brasil, Grão-Pará, 1850-1888)**. Tese de Doutorado. PUC/SP, 2009.

BRANDÃO, André; da Dalt, Salet; GOVEIA, Vitor Hugo. **Comunidades quilombolas no Brasil: características socioeconômicas, processos de emergências e políticas sociais**. Niterói: EDUF, 2010.

CASTRO, João Freitas de. *Entrevista*. Entrevista concedida a João Marinho da Rocha. Comunidade quilombola Trindade, Barreirinha-AM, Julho de 2016.

CASTRO, Maria Amélia dos Santos. *Entrevista*. Concedida João Marinho da Rocha. Distrito 10 Essa ideia aparece em ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Antropologia dos arquivos da Amazônia*. Rio de Janeiro: Casa 8 /Fundação Universidade do Amazonas, 2008 b, quando promove uma crítica a certas produções daquilo que ele denomina de “comentadores” da Amazônica.

quilombola Santa Tereza do Matupiri, Barreirinha-AM , Janeiro de 2016.

CASTRO, Maria Amélia dos Santos. *Entrevista*. Concedida João Marinho da Rocha. Distrito quilombola Santa Tereza do Matupiri, Barreirinha-AM , Agosto de 2017.

COSTA, Renilda Aparecida. *Batuque: espaços e práticas de reconhecimento da identidade étnico-racial*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2017.

DEL PRIORE, Mary. Por uma História das Margens, In: DEL PRIORE, Mary & GOMES, Flávio (Orgs). **Os Senhores dos rios – Amazônia, Margens e Histórias**. Elsevier Ed. São Paulo, 2003.

DEL PRIORY, Mery. **História das Mulheres: As vozes do Silêncio**. IN: FREITAS, Marcos Cesar (org.) *Historiografia brasileira em Perspectiva*. 6.ed., 2ª reimpressão- SP: Contexto, 2010.

DOMINGUES, Petrônio e GOMES, Flávio. Histórias dos quilombos e memórias dos quilombolas no Brasil: revisitando um diálogo ausente na lei 10.639/031. **Revista da ABPN** • v. 5, n. 11 • jul.– out. 2013 • p. 05-28;

DOMINGUES; Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo [online]**. 2007, vol.12, n.23, pp.100-122. ISSN 1413-7704. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>.

FARIAS JÚNIOR, Emanuel de Almeida. **Do rio dos pretos ao quilombo do Tambor**. Manaus: UEA Edições, 2003.

FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. **Metamorfoses da Amazônia**. Manaus: EDUA, 1999.

FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. Os Amazonidas contam sua História: territórios, povos e populações tradicionais. IN: **Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente**. Elenise Scherer, José Aldemir de Oliveira (Orgs.). – Manaus. EDUA, 2009.

FUNES, A. Eurípedes. **Nasci nas Matas, nunca tive senhor. História e memória dos mocambos do Baixo Amazonas**. Tese de doutoramento em História da FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

FUNES, Eurípedes. “Mocambos do Trombetas: memória e etnicidade (séculos XIX e XX)”. In: Gomes, Flávio & Del Priore, Mary (Orgs). **Os Senhores dos Rios – Amazônia, Margens e Histórias**. Elsevier Ed. São Paulo, 2003.

FUNES, Eurípedes. **Nasci nas Matas, nunca tive senhor. História e memória dos mocambos do Baixo Amazonas**. Tese de doutoramento em História da FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

GALVÃO, EDUARDO. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa em itá**. Baixo Amazonas, 2 ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (século XVII E XIX)**. São Paulo: UNESP, Ed. Polis, 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (século XVII E XIX)**. São Paulo: UNESP, Ed. Polis, 2005.

GONÇALVES, Andrea Lisly. **História e Gênero – Belo Horizonte: Autêntica, 2006**. Coleção (História &...reflexões).

LOUREIRO, Violeta Rafkalevsky. “Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re) construir”. Dossiê Amazônia Brasileira. **Estudos Avançados - USP, São Paulo**, vol. 16, nº 45, Mai/Ago, 2002, doi:10.1590/ S0103-40142002000200008.

- MAUÉS, Raymundo Heraldo. OUTRA AMAZÔNIA: OS SANTOS E O CATOLICISMO POPULAR. **Norte Ciência**, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).
- MARINHO, Idaliana (org.). **PUXIRUM**. Memórias dos negros do oeste paraense. Belém: IAP, 2002
- MATTOS, Hebe Maria. **Das Cores do Silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista – Brasil século XIX. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.
- MATTOS, Hebe. “Remanescentes das comunidades dos quilombos”: memória do cativo e políticas de reparação no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.68, p.104-111. Dezembro/fevereiro 2005-2006.
- MEIHY, José Carlos Sabe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Vértice, 2005.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom & HOLANDA, Fabiola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo, Contexto, 2011.
- O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). **Quilombos. Identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: FGV. 2002.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**. Operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmam. RJ:Paz e Terra, 1988.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RANCIARO, Maria Magela Mafra de Andrade. **Andirá**: memórias do cotidiano e representações sociais. – Manaus: EDUA, 2004. (Série Amazônia: terra e homem).
- REIS, Arthur César Ferreira. **História do Amazonas**. Belo Horizonte, Manaus: Superintendência cultural do Amazonas, 1989.
- RODRIGUES, Maria Cremilda. *Entrevista* .Concedida a Julio Claudio da Silva e João Marinho da Rocha, na cidade de Parintins, em 2015
- SAMPAIO, Patrícia (Org.). **O fim do silêncio** – presença negra na Amazônia. Belém: Açai/CNPq, 298 p., 2011.
- SAMPAIO, Patrícia M **Espelhos partidos: etnia, legislação e desigualdade na Colônia**. – Manaus: EDUA, 2012.
- SAMPAIO, Patrícia M.(org.). **O fim do silêncio** – presença negra na Amazônia. Belém: Açai/CNPq, 2011.
- SIQUEIRA, JOÃO. “**Tambor dos pretos**”: processos sociais e diferenciação Étnica no rio Jaú, **Amazonas**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense -UFF. Programa de pós- graduação em antropologia,2012.
- THONSOM, Alistair. “Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e a memória”. In: **Projeto História**, São Paulo: PUC/SP, nº15, fev.1997.
- s
- VANSINA,J. A tradição oral e sua metodologia. IN: ZERBO, Joseph Ki. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aforização 176, 180, 181, 182, 186, 187

Análise de Conteúdo 124, 157

Andirá 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123

Antropologia 40, 65, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 77, 121, 123, 204, 205

Aprendizagem 32, 35, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 153

Apresentadora 137, 139, 141, 143, 144, 145, 146

### B

Big data 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

### C

Capa de revista 176, 177, 178, 182, 186

Catalunha 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

Ciberteologia 1, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Comportamento do Consumidor 78, 79, 80, 91, 97

Consumo 65, 66, 68, 72, 75, 82, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 109, 110, 183, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 203, 204, 206

Convergência 71, 72, 92, 95, 97, 99, 101, 102, 152, 153, 160, 166, 173

Cultura 1, 2, 3, 5, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 22, 31, 35, 37, 45, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 80, 92, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 111, 113, 114, 121, 123, 126, 134, 136, 137, 139, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 153, 154, 160, 161, 166, 169, 175, 190, 196, 204, 205

### D

Destacabilidade 176, 178

Duolingo 42, 43, 45, 47, 51

### E

Ecologia da Comunicação 124, 126, 136

Engenharia de Sistema 14

Ensino 19, 32, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 97, 120, 145, 157

Epistemologia 65, 171

Estudos Culturais 65, 66, 69, 72, 73, 75

## F

Fé 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 118, 119, 121, 133, 134

Frases sem texto 176, 178, 187

## I

Interconectividade 14, 21, 33, 38, 39

Intersubjetividade 14, 21, 26

Intolerância Religiosa 124, 125, 131, 132, 133, 134, 135, 136

## L

Língua estrangeira 42, 43, 46, 52

## M

Marketing 78, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 205

Memória 35, 110, 111, 112, 114, 115, 118, 119, 122, 123, 153

Metodologia 14, 20, 21, 23, 65, 78, 84, 90, 119, 121, 123, 126, 145, 157

Mídia 1, 16, 33, 35, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 111, 124, 136, 140, 141, 147, 148, 150, 152, 153, 159, 160, 162, 206

Mídias 5, 11, 13, 35, 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 92, 95, 97, 99, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 153, 154, 167, 206

Midiativismo 149, 158

Minimercados 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 90

Mulher negra 72, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Música 50, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 192, 205

## O

Objetivação 14, 17, 21, 22, 24, 25, 36

Opinião Pública 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 133, 164

## P

Pesquisas 21, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 71, 72, 88, 145

Plataforma digital 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 32, 33, 36, 37

## Q

Questionários 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 84

Quilombos 114, 115, 122, 123

## R

Redes sociais 4, 5, 7, 11, 95, 96, 138, 149, 150, 152, 154, 159, 160, 161, 178, 206

Requisitos 14, 23, 32, 36, 40, 41

Revista semanal 176, 178

## S

Semiótica 71, 104, 105, 107, 112, 113

Separatismo 162, 163, 164, 168, 170, 172, 174

Sociedade 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 24, 26, 27, 28, 34, 39, 41, 42, 44, 55, 59, 67, 72, 82, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 114, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 144, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 163, 165, 190, 195, 200, 201, 203, 204, 205

Subjetivação 14, 17, 21, 23

Supermercados 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89

## T

Televisão 93, 101, 131, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 153, 201

Territorialidade informacional 149, 154, 157, 158, 160

Tradição 8, 12, 68, 114, 118, 119, 121, 123, 134

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**